

CASA & CONSTRUÇÃO

Transformação de clareira natural em espaço de contemplação e permanência

O paisagista, engenheiro agrônomo e botânico Alexandre Galhego propõe CASACOR São Paulo 2026 um jardim aberto que respeita a história do Parque da Água Branca e convida os visitantes a desacelerar em meio à capital paulista sob a sombra de uma figueira centenária

Com o ritmo acelerado das grandes cidades onde estamos sempre entre um compromisso e outro, encontrar espaços que nos permitam desacelerar e apreciar o momento é quase um luxo. É a partir desta necessidade de reconexão que o paisagista Alexandre Galhego construiu sua primeira participação na CASACOR São Paulo 2026.

Implantado sob a sombra de uma figueira centenária no Parque da Água Branca, o ambiente nomeado Clareira na Mata, de 290 m², é inspirado nas clareiras que surgem naturalmente nas florestas, como uma abertura dentro da mata, e são quase como um convite natural para parar, olhar para si, respirar e observar o entorno.

Entre caminhos elevados, mais de 4.500 mudas e espaços voltados à contemplação, o visitante é conduzido por uma paisagem que propõe algo cada vez mais raro nas cidades: a possibilidade

de permanecer.

Engenheiro agrônomo e mestre em Botânica, o profissional concebeu uma cuidadosa curadoria vegetal baseada não apenas na estética, mas sobretudo na adaptação das espécies às condições reais de luminosidade, solo e microclima daquela região.

FILOSOFIA DO PROJETO

Ao observar uma floresta, é possível perceber que as clareiras surgem de forma espontânea, como aberturas naturais em meio à vegetação densa que permite a entrada da luz. Por meio delas, revelam-se novas perspectivas da paisagem e espaços de permanência dentro da mata.

Para o profissional, foi essa dinâmica da natureza que serviu de inspiração para seu ambiente apresentado na CASACOR São Paulo 2026. “Uma clareira legítima não se trata de um espaço construído, mas um

fenômeno natural que abre um respeito dentro da mata. Essa analogia com a vida contemporânea diz muito sobre as oportunidades em que podemos olhar para nosso entorno e avistar a luz que nos fará bem”, contextualiza Alexandre.

Ou seja, mais do que reproduzir uma clareira em seu sentido físico, o paisagista buscou traduzir o significado que ela carrega, como um jardim de reconexão. A partir dessa premissa, ele organizou o espaço em diferentes núcleos de convivência distribuídos ao longo de um percurso com vegetação composta, principalmente, por filodendros, monstera, íris e outras espécies tropicais organizada em camadas e diferentes alturas tal qual um verdadeiro abraço verde ao redor dos espaços. Sem recorrer ao excesso de cores ou floradas sazonais, o projeto valoriza as texturas, volumes e tonalidades de verde.



Miti Sameshima/Divulgação

Em um ambiente predominantemente sombreado pelas árvores existentes, as diferentes formas das folhagens entregam uma paisagem serena que muda de acordo com a luz solar do dia e o olhar de quem a percorre - Projeto: Alexandre Galhego Paisagismo



Miti Sameshima/Divulgação

Com três décadas de atuação no paisagismo e uma trajetória construída sobre o conhecimento técnico da vegetação, Alexandre Galhego trouxe para a mostra paulistana um olhar que une sensibilidade, botânica e compreensão profunda dos ecossistemas - Projeto Alexandre Galhego Paisagismo



Miti Sameshima/Divulgação

Batizado de Clareira na Mata, o ambiente de Alexandre Galhego é um jardim concebido para relaxar em meio ao excesso urbano contemporâneo. O projeto para sua estreia na CASACOR São Paulo 2026 é pautado em uma relação mais sensível com a natureza e se transforma em experiência sensorial

Um projeto construído a partir daquilo

Ao percorrer o jardim, o visitante é conduzido por um deck elevado que serpenteia suavemente entre a vegetação. O percurso revela três diferentes áreas de permanência: a primeira convida à observação da paisagem; a segunda oferece um espaço mais intimista para conversas e contemplação; e a terceira, equipada com sofás e poltronas, funciona como um verdadeiro estar ao ar livre, salientando um ambiente acolhedor para permanecer sob as árvores.

A dupla de poltronas balan-

ços posicionadas sob as copas das árvores é um estímulo que o paisagista Alexandre Galhego idealizou para que o visitante experimente e observe o jardim em seus diferentes ritmos | Projeto Alexandre Galhego Paisagismo | Foto: Miti Sameshima

Se a sensação transmitida é de naturalidade, isso não aconteceu por acaso. Um dos maiores desafios do projeto relatado pelo profissional foi justamente o de intervir em uma área de enorme relevância ambiental sem comprometer as características originais, já que

uma vez que localizado dentro do simbólico e tombado Parque da Água Branca, a vegetação arbórea possui proteção especial e integra o patrimônio paisagístico e ambiental do conjunto.

Um dos aspectos mais sustentáveis do projeto está justamente naquilo que não se vê. Ao respeitar o relevo natural, preservar integralmente as árvores existentes e adotar soluções construtivas que evitam interferências agressivas no terreno, o jardim demonstra que projetar também pode signi-

ficar intervir menos | Projeto Alexandre Galhego Paisagismo | Foto: Miti Sameshima

Então, ao invés de impor uma nova paisagem, Alexandre Galhego optou por desenvolver uma intervenção de perfil discreto e que se integra ao ambiente existente de forma quase imperceptível. “Nosso objetivo nunca foi o de gerar um cenário temporário. Pelo contrário, queríamos que o jardim dialogasse com a história do parque e contribuísse para sua evolução ao longo do tempo”, afirma.

Para tanto, nenhuma árvore e vegetação foram removidas. A figueira centenária, elemento mais emblemático do espaço, se tornou o ponto de partida para toda a composição. Já parte da vegetação arbustiva existente passou por um cuidadoso processo de transplante, sendo reposicionada em áreas do próprio parque que necessitavam de recuperação. Após o encerramento da mostra, novas espécies também permanecerão contribuindo para o fortalecimento paisagístico do local.